

LEITURA DE MUNDO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO LÍNGUA ADICIONAL: UMA CAPACIDADE A SER DESENVOLVIDA POR TODOS OS ATORES

Anaís Andrea Neis de Oliveira¹

Maria de Lourdes Bernartt²

Taize Giacomini³

Introdução

O presente texto apresenta o tema *leitura* imbricado em resultados de pesquisas envolvendo a questão da migração internacional como fato crescente no mundo e no dia a dia da região sudoeste do Paraná. Um acontecimento que nos desafia a compreender suas facetas e possibilidades.

A pesquisa, desenvolvida entre setembro de 2015 e fevereiro de 2016, ocorreu em um município em plena expansão populacional, 9,6% em cinco anos (IBGE, 2015). Além disso, Rossi (2015) destaca a região como a que mais recebeu imigrantes estrangeiros (doravante apenas *imigrantes*) nos estados do Sul brasileiro, a saber: haitianos, em maior quantidade, além de outras etnias como bengalis, sírios, angolanos, ganenses, guiné-bissauenses, israelenses, libaneses, iraquianos, palestinos.

Zamberlam (2014) refere-se a eles como “novos rostos”, já que o Sul brasileiro fora colonizado por imigrantes e seus descendentes, e, agora, recebe novos grupos étnicos de outras regiões do mundo. Assim, em oposição ao senso comum, imigração não se trata de um *tema em voga na TV*, mas de uma realidade viva neste tempo e nesta comunidade.

(...) falar em diáspora/migração/imigração é falar da própria história da humanidade e de cada homem em si, pois, em dado momento de sua trajetória humana, o homem migra, imigra, e/ou emigra, porque consiste em seu *modus operandi* por melhores condições de sobrevivência. Pode-se dizer, então, que todos somos, em alguma medida, migrantes. (BERNARTT *et al.* (2016, p. 102)

Ignorar tais fatos pode até ser uma opção, mas o imigrante continuará ali, perseguindo sonhos e novas condições de vida (ZAMBERLAM, 2014). Por outro lado, trazer o assunto à tona significa abrir-se a novas possibilidades, um reconhecimento que embasa e também justifica nossa pesquisa.

Nesse contexto, um marco de nossos primeiros passos foi a constatação da inexistência de ações de ensino-aprendizagem de *língua portuguesa como língua adicional para estrangeiros* (doravante LP-LA), assim, decidimos ouvir dos próprios imigrantes, sobre sua adaptação sociolinguística, após a chegada ao Brasil, e sobre as próprias representações no uso da linguagem no seu dia a dia, por compreendermos que entre o imigrante e seu novo contexto social, há toda uma relação dialógica acontecendo em nível macroscópico.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco/PPGL, Pato Branco, Paraná, Brasil. *E-mail:* anais.ano@gmail.com.

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco/PPGL e PPGDR, Pato Branco, Paraná, Brasil. *E-mail:* marial@utfpr.edu.br.

³ Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco/PPGL e PPGDR, Pato Branco, Paraná, Brasil. *E-mail:* taize.giacomini@hotmail.com.

Por essa compreensão, fundamentamos os estudos essencialmente em Bakhtin (2006) e Freire (1989), com o objetivo específico de debater a percepção da necessidade de ações de ensino-aprendizagem LP-LA atreladas a dois fundamentos: *o reconhecimento desse dialogismo em nível macroscópico* e uma *compreensão amadurecida de leitura de mundo*.

Fundamentação teórica

Ao analisarmos as teorias bakhtinianas (2006, p. 261) sobre linguagem, presente nos mais “diversos campos da atividade humana (...)”, e também sobre sua compreensão do *dialogismo* presente em todo ato enunciativo, visto que, para o autor, todo o enunciado é carente de resposta; propomos, aqui, elevar essa noção de *dialogismo a um nível macro*: A proposta é perceber a migração como uma atividade humana permeada pela linguagem, visto que o migrante, ao deslocar-se pelo mundo, leva consigo valores, representações sociais, cultura e, consequentemente, sua linguagem. Assim, temos o *ato de migrar* como um *enunciar-se* ao mundo e esperar dele uma *resposta*.

Migrar é transpor fronteiras, o que exige do migrante e de outros ao seu redor uma releitura de vida/mundo: uma *tradução* identitária (BHABHA, 1990). Noção corroborada por Hall (2015) ao tratar justamente do próprio indivíduo em movimento no mundo, e não apenas do uso da linguagem e processos léxico-gramaticais, mas de uma relação autêntica e ativa entre um *imigrante* (deslocado de seu espaço-tempo) e sua nova *comunidade local*.

Há, então, todo um processo de (*re*)*leitura de mundo* que nos remete a Freire (1989, p. 9) para quem “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.”

O conceito de *responsividade* como a possibilidade de ocupar em relação a qualquer enunciado “uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2006, p. 280), reforça a noção de dialogismo da linguagem, já que “para a palavra (e consequentemente para o homem) *não existe nada mais terrível do que a irresponsividade.*” (BAKHTIN 2006, p. 333, grifos adaptados)

De igual modo, aqui, o *ato de migrar* proposto como uma enunciação também requer para si uma *compreensão responsiva ativa* como em Bakhtin (2006), levando-nos a outros questionamentos inevitáveis: como tem sido essa relação dialógica entre imigrantes e a comunidade local? Como se dá o aprendizado da LP-LA? Como poderia a comunidade local ser adequadamente responsável em relação ao ensino de LP-LA?

Considerados todos esses aspectos teóricos, apresentamos, na sequência, nossos materiais, métodos e análise de dados, seguidos das considerações finais

Materiais, métodos e análises

O material analisado, de modo interpretativo e qualitativo, trata-se de um *corpus* textual transscrito conforme Preti (1999), fruto de entrevistas de cunho aberto realizadas com dois imigrantes estabelecidos no sudoeste do Paraná, matriculados em disciplina de língua portuguesa (doravante LP) do sistema EJA.

Para preservar a identidade dos participantes, atribuímos uma sigla a cada entrevistado: E1 representa o primeiro entrevistado, residente no Brasil há 5 anos e 11 meses; E2, o segundo, residente no Brasil há 2 anos e 6 meses; sendo P a pesquisadora que foi a campo.

Visitas prévias a entidades administrativas e de ensino mostraram a inexistência de práticas especiais de ensino-aprendizagem de LP-LA para imigrantes. No caso do sistema EJA,

a grade curricular e metodológica atende mais ao público adulto brasileiro, já fluente em LP, com material didático voltado à leitura/escrita. (EJA – SEED-PR, 2006).

Sobre nossos entrevistados, iniciamos com uma apresentação de suas experiências linguísticas prévias que, embora distintas, têm em similar o conhecimento de uma língua latina antes da chegada ao Brasil. E1 era conhecedor de outra variante de LP, não como sua língua de uso diário; e E2 era conhecedor de Francês e Espanhol.

E1 [01:18] a gente domina mais esse língua que fala mais pela rua pela famílias assim... eu tenho que também a minha língua étnica néh... o língua do grupo étnico que é Fula (chama assí/ de Fula) (...) [05:46] na verdade vou te falar a verdade... a gente como nós colonizado... língua portuguesa... nós tem algumas frutas que nós (só) o língua portuguesa (...)oficial de Portugal... ma aqui é totalmente diferente... [...] agora que eu me me:... acostumei de de... de adaptar um pouco de nome do frutas... mas é a língua a língua existe muito diferença na verdade... existe muito

Acima, E1 fala que tem de se adaptar, e, abaixo, E2 confessar mesclar as duas línguas, na escrita e, notadamente, na fala, o que demonstra que tal conhecimento prévio pode atuar tanto como facilitador quanto dificultador de comunicação:

E2.[00:08:48] mas ainda tenho dificultad de para escrever quando escrivo... escrivo as vezes eu (penso em português) mas escrevo en Espanhol porque a cabeça... também em pronúncia a veces tem ainda o o:: Espanhol...

A presença de ambos no município demarca essa relação interlocutiva em nível macro a que nos referimos. Para melhor compreensão, abaixo há uma tabela representativa dividida no que chamamos de *movimentos dialógicos* entre os Imigrantes (I) e a Comunidade Local (CL), compreendidos como enunciados macroscópicos devidamente explicitados:

Movimentos dialógicos	Descrição
I1	O imigrante que chega ao país/comunidade local-destino.
CL1	O país/comunidade local o recebe – responsividade ativa por entidades públicas/leis.
I2	O imigrante busca pelo estabelecer-se
CL2	Responsividade ativa pública e privada com acesso a emprego e educação
I3	Imigrante busca conhecer a LP. Faz sua leitura de mundo sobre a necessidade do aprimorar-se e estabelecer-se dialogicamente.
CL3	Responsividade ativa da comunidade local se dá pela aplicação da lei que permite a matrícula do imigrante no sistema EJA. Não há, no entanto, responsividade efetiva pela carência de cursos que façam a leitura específica da necessidade linguística de estrangeiros.

Tabela 1: Representação da relação dialógica em nível macroscópico – Fonte: Dados da pesquisa

Além da necessidade acadêmica, as falas de E1 e E2 revelam o entendimento do papel da LP nas relações dialógicas da vida cotidiana, nas ruas, no trabalho. Suas representações revelam

a noção de código a ser decifrado, porém, não em sua base gramático-lexical, mas de um modo prático. A *mente dos interlocutores deve estar aberta* e ávida a compreender:

- E2. [12:46] chama codificação da mensagem...
 E2. [12:49] chama tem um é como abrir chama código... AH...
 (...) tem SENHAS... de abrir código...
 E2. [09:01] no trabalho acho que não tengo muita dificultade por quando quando eu... pessoa (quando eu trabalho com) eles são de:: são de outr/ de outr/estrangeiros também
 E1.[09:08] sim estrangeiros
 P. [09:10] ah sim
 E2. [09:11] (no tengo dificultá) (...) () você consegue de fazer comunicação porque también tem aquele (estrutura) de comunicar assim com pessoa que não sabe... (mas isso) () mas em geral eu consigo passar comunicação de de... no no trabalho eu acho que eu não tenho problema como já falei
 E1. [11:21] trabalho ()/
 E2. [11:22] as pessoas... comunica já () (...) porque pessoa ele já tah (dado) ele já ele pode conversa com pessoa que não sabe nada persoa que não sabe um pouco de English (tem por tem) pessoa de (trabalha com nós de) Pakistan (em Beltrão) que não sabe NADA de English... ((ruído)) não sabe NADA... mas você consegue conversar com ele

Nas falas acima há a referência a uma situação partilhada entre imigrantes, um âmbito em que a *leitura de mundo*, como proposta por Freire (1989) se processa de modo similar. Parece haver, entre imigrantes de diferentes origens ético-lingüísticas, a percepção do *outro*, de seu local de fala e de suas necessidades.

O oposto disso aparece nas falas relativas ao contato com brasileiros, aparecendo novamente uma carência de responsividade, com destaque para a fala em [13:43], quando E2, ao referir-se a uma situação hipotética, explicita sua consciência da necessidade de se portar empaticamente na relação dialógica, *ler* a necessidade do outro:

- E2. [13:34] apesar que a gente eu acho que está falando Português... O MÍNIMO de português certo... [...] mas as pessoas não conseguem entender
 E2. [13:43] ma/... (...) mas se ELE falando... (...) se se ele falando a minha língua EU VOU conseguir entender... (...) porque eu vai (começo) ma/ usando minha cabeça (...) pra (ajudar) pensar que ele quer fazer (...) depende do contexto depende de frase que ele fazer eu vou/ consigo ajuda chamar ajuda ah... chamar ah: ((ruído)) ah... contribuir... (...) e sentir o que quer fazer...

No trecho em que relatam a comunicação, no trabalho, com falantes de línguas diversas das suas, percebemos uma consciência clara de que, para eles, a comunicação transcende código linguístico como a unidade de uma língua, o que lembra que “entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas.” (BAKHTIN, 2006, p. 371).

No processo de compreender e ser compreendido, a expectativa parece residir mais na espera pela responsividade do interlocutor. Além disso, a própria noção de *leitura de mundo* desloca-se da capacidade a ser desenvolvida pelo aprendiz imigrante para uma capacidade a ser desenvolvida também pelos interlocutores da comunidade local. Ou seja, *adaptar-se* não é tarefa unilateral, é um processo de diálogo que exige uma leitura de mundo e uma disponibilidade que devem estar alocadas em ambos os lados da interlocução.

Considerações finais

O tema exposto nos revela a necessidade de maior empatia por parte da comunidade local, aqui personificada como um interlocutor em diálogo ativo com o imigrante, e, para isso, duas atitudes responsivas nos parecem primordiais: a primeira revela a necessidade de ações de ensino-aprendizagem de LP-LA que saibam *ler* a necessidade sociolinguística do estrangeiro.

A segunda atitude seria a de fomentar, nas escolas, universidades, nos ambientes públicos e privados, as discussões sobre a temática da migração, sobre a realidade do imigrante e a possibilidade da partilha e da *tradução* identitário-cultural.

Tais ações não se tratam de curvamo-nos perante *o outro*, mas de, nas dobras do que muitos consideram como impossível, exercer um movimento de acolhida que transcende a língua aparente, elevando-a à *compreensão criadora de novas (re)leituras de vida e de mundo*. Ou, por acaso, olvidamos de que quase todos nós já migramos de um ponto a outro desta Terra na busca do lugar para chamarmos de lar.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERNARTT, M. L *et al.* Diáspora Haitiana: primeiros estudos sobre impactos para o desenvolvimento urbano e regional nas regiões sul e norte do Brasil. **Cadernos Ceru**. v. 26, n. 1, 04. 2016.
- BHABHA, H. **Nation and Narration**. Routledge: Londres, 1990.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guarcira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparinda, 2015. 12. ed., 1. reimpr.
- IBGE. Paraná: Francisco Beltrão. Em: **Cidades@**. 2015. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410840>>. Acesso em 02 jul. 2016. GE, 2015
- ROSSI, M. Pato Branco tem a maior comunidade de haitianos do Paraná. **Diário do Sudoeste**. Pato Branco – PR. Abr. 2015. Disponível em: <<http://www.diariodosudoeste.com.br/pato-branco/2015/04/pato-branco-tem-a-maior-comunidade-de-haitianos-do-parana/1306879/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- SEED-PR. **Língua Portuguesa e Literatura**/vários autores. – Curitiba. 2006. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/portugues.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2016.
- ZAMBERLAM, J. *et al.* **Os novos rostos da imigração no Brasil**. Porto Alegre: Solidus, 2014. 81 p.